



O JORNALISTA E O CARTOLA

A evolução do jornalismo esportivo impresso na bahia como resistência à ascensão política dos dirigentes de clubes

Paulo Roberto Leandro

Universidade Federal da Bahia

Faculdade de Comunicação

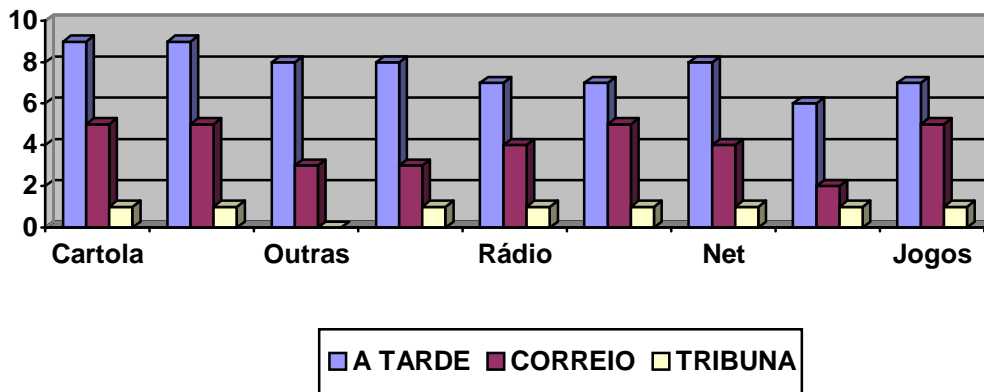
Programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas

O jornalismo esportivo tem por missão ocupar-se da publicação de informações relativas ao ambiente de clubes, estádios, ginásios e locais de competição, mas a projeção conquistada por algumas de suas fontes mais representativas, em razão da visibilidade obtida com a divulgação da imagem para o público, fez desta página mais que uma mera depositária de notícias de qualidade esportiva, como se convencionou entender. 1 Os três veículos com circulação diária em Salvador constituem editoria de esportes em Salvador, todas com tradição de divulgar matérias cujas fontes originadas desta relação com as principais lideranças esportivas, se transformam em *voz oficial* 2 das agremiações e ganham acesso à pauta esportiva.

Dos 16 jornalistas esportivos baianos de *A Tarde*, *Correio da Bahia* e *Tribuna da Bahia*, 14 utilizam os dirigentes de clubes, conhecidos por *cartolas*, como fontes de informação, mesmo número obtido com os atletas e membros da comissão técnica dos clubes. As estratégias de apuração da notícia apontam 9 vezes para entrevistas com dirigentes, sendo 6 ao vivo, 7 por telefone, 3 por e-mail e 2 não responderam.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Esportiva**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

Estratégias de apuração



O resultado se reflete na tendência de publicação de matérias nas quais os *cartolas* aparecem como fontes capazes de confirmar ou divulgar a informação relevante para a edição de esportes. Esta voz oficial é fortalecida pelos relises distribuídos pelas assessorias de imprensa dos clubes com o teor favorável aos interesses da direção da entidade e de seus

IERBOLATO, Mário. Jornalismo Especializado. Atlas: São Paulo, 1981. Pp. 13-36.

2 FAIRCLOUGH, Norman. *Language, Ideology and power*. London: Longman, 1995. Pp. 55-69
principais dirigentes.

Este ambiente vulnerável à informação direcionada é favorável à utilização das fontes representativas das entidades como a voz oficial de seus respectivos clubes, em um processo que naturaliza a presença do *cartola* no texto esportivo na condição de destaque, por sua condição de poder dentro das agremiações. Nesta parte do trabalho, que integra o projeto de pesquisa ‘O jornalista e o cartola’, em desenvolvimento na Universidade Federal da Bahia, vamos nos ocupar da evolução do jornalismo esportivo impresso na Bahia como sinalizador de um processo de resistência do profissional cada vez melhor preparado para conter estes ataques do *cartola*, a despeito da cultura quase centenária de privilégio da fonte representativa, como vimos anteriormente.

O jornalismo esportivo impresso na Bahia foi se transformando à medida em que se diferenciava, graças à importância que passou a obter junto à comunidade, a partir do início



do século passado. Para este trabalho, uma consulta bibliográfica complementada com entrevistas aos profissionais do meio impresso baiano e a observação sistemática realizada em quase duas décadas de experiência profissional pessoal nos possibilita os objetivos de:

1. situar o jornalismo esportivo no contexto da comunicação de massa na Bahia;
2. investigar a evolução do jornalista esportivo como profissional de comunicação;

Tais objetivos surgiram em razão de hipóteses que as investigações preliminares indicaram:

- a) o jornalismo esportivo é uma das principais especializações da comunicação de massa; e
- b) o jornalista esportivo é hoje melhor preparado técnica e culturalmente que em épocas anteriores.

O futebol impulsionou a prática do esporte coletivo, até então limitado ao prazer de grupos isolados praticantes de modalidades consideradas de “bom gosto”, como o turfe, o cricket e a regata. Embora tenha nascido em meio à burguesia baiana, o futebol, ou o ‘esporte bretão’, por ter sido criado na Grã-Bretanha, rapidamente conquistou as multidões. Logo, tornou-se um meio de fortalecimento de jornais e revistas por uma questão de mercado, pois passou a ser um tema fácil de ser consumido por leitores cada vez mais ávidos por

3 SANTOS, Joel Rufino. História Política do Futebol Brasileiro. Brasiliense: São Paulo, 1981. Pág. 17

conhecer, repercutir e ressaltar o desempenho de seus ídolos, os jogadores.

Nos primórdios do esporte enquanto evento de projeção social na Bahia, no século XIX, são eventuais as referências nos jornais da época sobre a realização de jogos ou competições ou mesmo encontros entre pessoas para prática de alguma modalidade. A cavallhada, esporte medieval herdado de Portugal, a regata, tida como nobre e praticada pelos jovens abastados, mereciam pouca atenção, ou eram noticiados em tom do que se convencionou chamar hoje ‘coluna social’, destacando grandes feitos dos heróis da burguesia local ou da numerosa colônia inglesa que, à época, habitava Salvador. Nenhum espaço se



verifica para o ainda exótico futebol, mesmo porque provavelmente era praticado de forma precária e esporádica, nas praias, por jesuítas ou operários ingleses.

Não havia notícia em se falar de um jogo em que as pessoas saíam correndo atrás de uma bexiga de boi costurada ou uma bola improvisada de pano, de forma agressiva e pouco civilizada. Para os critérios aplicados pelos jornalistas da virada do século XIX para o XX, aquilo não poderia ser classificado de notícia. O que mais se aproximava da noção de esporte e tinha espaço nos jornais eram jogos de salão e passatempos que a juventude preferia, a exemplo da cabra-cega e do chicotinho-queimado, entre outras brincadeiras. 4 A capoeira, praticada pelos ex-escravos e operários, era discriminada e associada à marginalidade.

O que tornou o futebol noticiável e, por tabela, fortaleceu a busca de notícias de outros esportes pelos leitores nas páginas dos jornais foi a chegada das primeiras bolas de couro, trazidas da Europa em 28 de outubro de 1901, pelo jovem José Ferreira Júnior, o Zuza, que foi enviado para a Inglaterra pelos pais, por causa da dificuldade de se enquadrar no que eles consideravam uma ‘educação decente’. 5 A repressão dos pais a um jovem rebelde, que se recusava a ser ‘bonzinho’, acabou criando o futebol na Bahia, e conseqüentemente, gerando as primeiras notícias de jornal, embrião do que hoje se denomina ‘imprensa esportiva’.

Zuza trouxe, além da bola de couro, a bomba e a agulha de encher aquela

4 CADENA, Nelson Varon. *O futebol e a mídia. Correio da Bahia, 28 de outubro de 2001, pág. 6 Caderno Correio Repórter. Especial Os donos da bola.*

5 *Informações prestadas pelo bisneto de Zuza, Bayma Ferreira, em depoimento ao jornalista esportivo Paulo César Lafene, documentário 100 anos de futebol na Bahia, Programa TV Revista, exibido pela TV Bahia no dia 28 de outubro de 2001.*

ferramenta tão inovadora quanto atraente e que reunia os rapazes para os primeiros ‘babas’ no Campo da Pólvora, assim denominado por ter sido um fortim onde se guardava o arsenal

nos tempos do Brasil Colônia. Antes se chamava Campo dos Mártires, área de execução de revoltosos contra o jugo português. Foi lá que irrompeu o desejo popular de se correr atrás da bola e, na sequência destes passes rápidos da história, o jornalismo esportivo veio ocupar um espaço vago, diversificando o noticiário para o público leitor.

O batizado do futebol, nos idos de 1901, mereceu a estréia do jornalismo esportivo, por meio de Aloísio de Carvalho, redator do *Jornal de Notícias*, que compreendeu a importância da nova pauta, ao perceber a multidão que se avolumava em redor do campo, a



cada vez que o balão de couro, como a bola também era chamada, começava a quicar no Campo da Pólvora. O assunto rendeu algumas linhas em tom de curiosidade.

Nesta época, jogar futebol era uma atividade de projeção social entre os jovens privilegiados que dispunham de uma bola. Para se ter uma idéia do requinte com que o jogo foi tratado, em contraste com o silêncio quase absoluto dos jornais, os jogadores eram avisados em ofícios, em uma linguagem erudita, como se fosse um convite para uma festa de alta sociedade. 6

A curiosidade dos baianos pelo novo jogo extrapolava os círculos fechados dos jovens ricos. Como ninguém conhecia as regras direito, e as bolas improvisadas começaram a se multiplicar em vários pontos da cidade, o futebol começou a criar um problema de ordem pública, devido às queixas dos transeuntes e proprietários de casas e estabelecimentos contra aqueles “vândalos” que saíam correndo desvairados, atrás das bexigas de boi, substitutas das bolas de couro, um privilégio dos jovens bem-nascidos amigos de Zuza Ferreira, morador em um sobrado do Largo de Santana, no bairro do Rio Vermelho.

6 Tomo por base o livro ‘Um menino de 84 anos’, publicado pelo jornalista Fernando Protássio em 1984, como produção independente. Neste livro, uma série de documentos históricos relativos à fundação do Esporte Clube Vitória, pioneiro no desporto baiano, é relacionada à evolução dos clubes e à prática do futebol no estado. da fase gestacional do futebol, expressão tomada do professor Gilmar Mascarenhas, em sua tese de doutoramento pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Os Esportes e a Modernidade Urbana: o Advento do Futebol no Brasil. Eis um exemplo de texto de convite para uma partida de futebol nesta ‘fase gestacional’: “Bahia, 22 de junho de 1903 ilustríssimo senhor: Temos a honra de convidar-vos para uma partida de “foot-ball” que se realizará no próximo domingo, 28 do corrente. Caso não possais comparecer à referida partida, pedimos o obséquio de avisar-nos até o dia 25 do corrente. LUGAR – Campo dos Martyres. HORAS – 4 horas da tarde. VESTIMENTA – Camisa verde e amarela (verde do lado esquerdo e amarelo do lado direito), calça branca e meias até o joelho. KICK-OFF – 4 horas e meia da tarde. (aa) Alberto Martins Catharino e Alvaro Tarquínio”

O resultado é que o futebol ganhou espaço na incipiente mídia impressa da época, primeiro como informação policial, devido às queixas dos cidadãos, diante do jogo exótico



capaz de apaixonar os baianos na mesma medida em que causava uma série de transtornos. Assim é que a Intendência Municipal, estrutura antecessora da atual prefeitura, publicou uma nota no dia 1^o de agosto de 1904, dando conta dos locais onde o futebol poderia ser disputado. 7

A criação da Liga Bahiana de Desportos Terrestres, com a função de organizar a prática do futebol, aproveitou o impulso dos campos improvisados em ruas e praças para fazer do esporte uma competição cada vez mais forte e capaz de mobilizar multidões, embora não tivesse sido este o objetivo da federação. A idéia veio da colônia paulista reunida no São Paulo Clube, e teve aceitação imediata dos outros clubes, o Bahiano de Remo, o Internacional de Cricket e o Sport Club Victoria. Os dirigentes destas agremiações, que eram também os seus jogadores, se reuniram no dia 15 de novembro de 1905 e criaram a primeira liga, na rua da Palma, na Mouraria.

Como o esporte não mobilizava uma opinião pública favorável, em razão dos problemas com vidraças quebradas e prejuízo de propriedades, a adesão dos jovens baianos do Corredor da Vitória se tornou um fator preponderante para afirmação do futebol e sua aceitação na sociedade baiana. De um lado, o futebol era vigiado e restrito a algumas áreas da cidade, por determinação da Intendência Municipal. De outro, servia de tema de encontro da juventude baiana, que tentava se afirmar diante da colônia inglesa, bastante influente na época e que havia adotado o cricket como esporte exclusivo, rejeitando a presença dos chamados ‘nativos’ nos jogos realizados em suas chácaras. As festas motivadas pelo futebol ajudaram a quebrar a dificuldade inicial do novo esporte em se estabelecer como principal modalidade praticada na cidade. 8

Estimulante da evolução do esporte, enquanto capaz de mobilizar paixões, a

7 A Intendência Municipal publicou nos jornais baianos, a 1^o de agosto de 1902, a seguinte nota: “O FOOT-BALL – Resolvendo o pedido feito pela Secretaria de Polícia, sobre pontos onde possa ser efetuado jogo de foot-ball, sem prejuízo da propriedade particular, conforme reclamações levantadas, a Intendência Municipal designou os seguintes locais para realizar-se aquela diversão: Campo dos Mártires, no Distrito de Nazaré, Quinta da Barra, no Distrito da Vitória, Fonte do Boi, no Distrito de Brotas, Largo do Barbalho, no Distrito de Santo Antonio, e Largo do Papagaio, no Distrito da Penha”.

8 Vitória!, a revista do Esporte Clube Vitória. Ano 3 Número 12 Maio de 1999. Pp 14-15

rivalidade no futebol baiano começou entre os brasileiros e os ingleses. A fundação do Vitória, em 13 de maio de 1899, teve esta motivação de oferecer aos jovens baianos a oportunidade de praticar esporte, no início o cricket, que era vedado a eles pelos ingleses. No máximo, era permitido que apanhassem as bolas, como os atuais gandulas, o que feria o orgulho dos jovens burgueses do Corredor da Vitória.

Na reunião de fundação, chegaram a discutir a possibilidade de o clube se chamar ‘Brasileiro’,⁹ para firmar esta oposição aos “estrangeiros”. O Vitória realizou alguns treinamentos de verde e amarelo, mas a falta de material esportivo suficiente nestas cores fez com que o clube vestisse preto e branco, até que a influência do Flamengo do Rio na seção de regatas transformou as cores no vermelho e preto. A rivalidade entre ingleses e brasileiros pode ser constatada nos avisos de apresentação dos jogos.¹⁰

Por meio destes avisos, o jornalismo esportivo baiano, enquanto conjunto de técnicas, saber e ética voltado para a captação e divulgação de informações, se antecipou à afirmação da imprensa, como divulgação periódica de notícias por meio impresso em formato revista ou jornal.¹¹ Antes de a imprensa se consolidar no modelo capitalista, estes avisos e cartas particulares entre atletas e familiares transmitiram informações entre os desportistas pioneiros. Estes documentos relatam custos de equipamentos esportivos, jogadas que causaram mais admiração, atletas de destaque e serviam como divulgação dos regulamentos dos esportes. Constituem o *protojornalismo esportivo baiano*. Neste sentido, a transmissão de informação por meio de relatos orais também pode ser considerada uma atitude jornalística precursora das atuais resenhas de rádio.

A divulgação de informações por meio deste *protojornalismo esportivo* contribuía para atrair público ao Campo da Pólvora, para assistir ao clássico da época, disputado entre

9 Vitória! Ibid, ibidem.

10 Os avisos eram distribuídos entre os jogadores, conforme se pode comprovar neste convite que integra o acervo de José Martins Catharino, descendente dos fundadores do Vitória: ‘Football- ‘Realisar-se-há no Domingo 28 do corrente uma partida de FOOTBALL entre Brasileiros e Inglezes, a qual terá logar no CAMPO DOS MARTYRES, devendo começar às 4 horas da tarde. Abrilhantarà a partida uma banda de música do Corpo policial, havendo também cadeiras à disposição das Exmas. Famílias que a desejarem assistir.O Partido Brasileiro será chefiado pelo Snr. Alvaro Tarquínio.

O dos ingleses pelo Snr. T. E. Terry Morrell. Jogarão para os Inglezes os seguintes Senhores: S. Orr, R. de C. Steel e F.G. May; A. E. Gleig, J. A. Trower, T. E. Terry Morrell, E. Hugh Benn, C. Calver, R. Smith, A.S. Tomlinson, R. McNair.

Referre José de Oliveira Teixeira

E para os Brasileiros jogarão os senhores: Aydano de Almeida, José Ferreira, J. Tarquínio, A. Gordilho, Monteiro, J. Pereira, A. Martins, Pedro Ferreira, Arthur Moraes, Alvaro Tarquínio e Luiz Tarquínio Filho

Serão Linesman para os ingleses J.P.W. Rowe. Para os Brasileiros, D. McNair”

11 RIBEIRO, Jorge Cláudio. Sempre Alerta. Condições e Contradições do Trabalho jornalístico. Brasiliense: São Paulo, 1984. Pág. 19

o Internacional, representante dos ingleses, e o Vitória, o time dos baianos. O *Correio do Brazil*, jornal distribuído com assinantes de Salvador, noticiou o jogo, realizado no dia 10 de julho de 1904. A lógica dominante ainda não era a da empresa de jornal, como estrutura econômica voltada para a distribuição e venda de material impresso. A linguagem estava livre da imposição da objetividade e o jornal pôde ‘torcer’ abertamente para os ‘nossos’, os brasileiros do Vitória, contra os ‘deles’.¹² O Vitória dos brasileiros pagou com a inexperiência a coragem de ter se insurgido contra o domínio da colônia britânica no esporte e perdeu o primeiro título em 1905. Em uma época em que ainda não havia outro meio de comunicação capaz de concorrer com os jornais, o *Correio do Brazil* publica sob o título de ‘Festas-Football’, o texto de cobertura da primeira partida oficial de futebol em Salvador.¹³

Em 1906, logo no ano seguinte à criação da primeira liga, o Campeonato Baiano de Futebol passou a inspirar uma coluna de esportes, embora nem sempre fosse publicada pelo editor José Alves Requião, na *Revista do Brasil*.¹⁴ A indústria gráfica cresceu e o mercado jornalístico se diversificou.¹⁵ Os repórteres sobreviviam da imprensa, mas ainda conviviam com os *publicistas*, como podem ser chamados os políticos profissionais que usavam os jornais para ganhar visibilidade junto ao público.¹⁶

12 IN PROTASIO, Fernando. Vitória, um menino de 84 anos. “Foi um jogo emocionante. Os brasileiros do Victoria fizeram muito esforço, mas acabaram derrotados pelos ingleses do Internacional. Os nossos perderam muitos pontos quase concretizados. Pelo menos, deveria ter terminado na igualdade. McNair e Douglas marcaram os pontos deles”

13 IN PROTASIO, Fernando. Vitória, um menino de 84 anos. “Extraordinária a concorrência, ontem, no Campo dos Martyres ao primeiro ‘match’ anunciado para o Campeonato este ano, organizado pela Liga Bahiana de Sports Terrestres, entre os cinco clubes a ela filiados. Iniciaram o Sport Club Victoria e o Clube Internacional de Cricket. Seriam 4 horas, quando os dois “teams”, respectivamente uniformizados, sob o sinal do “referee” sr. Anibal Peterson, se puseram em movimento, sendo atacante o Vitória. Bonita foi esta peleja durante uns 15 minutos. Dizer-se qual o mais forte era temer errar, tal a perícia com que ambos manobravam a bola. Mais arrojadamente o Internacional arremessou-se ao “goal” do seu adversário o qual foi então vasado pelo “forward” A. Hayne. Vindo a bola para o centro do

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Esportiva**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

campo continuou o jogo com mais ardor; a linha de “forwards” do Vitória numa investida terrível havia uns 10 minutos, avançou sobre o “goal” do internacional o qual ia sendo vasado com um certo “shoot” dado por Pedro Barbosa, não fosse a esperteza do goal keeper. Mas, encontrou ele outro forward temível, J. Tarquínio que com pé seguro, marcou o primeiro gol para o seu team. Apenas alguns minutos mais, e termina o half-time. Dado o sinal para o segundo half-time foram trocadas as posições e recomeçado o jogo. Não se sabia qual o vencedor, pois ambos contavam 1 goal. Daí por diante, porém, o Internacional, redobrando esforços com sua linha de forwards bem coadjuvada pela de half-backs, atacou fortemente o goal do Vitória sendo marcados mais dois goals até finda a partida por A. Hayne e P. Stewart. Conquistou a vitória o Internacional por 3 goals contra 1. Fizeram-se salientes nesta partida, além dos acima, os srs. E. Gleig, R. M. McNair, S. Orr, E. E. Scharp e C. North do Internacional. Juvenal e Alvaro Tarquínio, Pedro Ferreira, Oscar Alves, A. Catharino e Rodrigo Sampaio do Vitória. O retângulo do jogo estava repleto de cadeiras nas quais se achavam senhoras e senhoritas da nossa melhor sociedade, autoridades e diretores da Liga. A Banda de Música Militar alegrou a festa”

14 CADENA, Nelson Varon. *O futebol e a mídia. Correio da Bahia*, 28 de outubro de 2001, pág. 6 *Caderno Correio Repórter. Especial Os donos da bola.*

15. SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*, p. 74

16. RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Sempre Alerta. Condições e Contradições do Trabalho jornalístico. Brasiliense: São Paulo, 1984. Pág. 25*

O texto deste período se referia mais ao comportamento, estados de ânimo, a moda que vestiam as senhorinhas da “melhor sociedade” e os detalhes da assistência em carruagens. O jornalismo esportivo nascente tinha como pressuposto que o leitor já conhecia os detalhes da notícia e o texto vinha como suporte de amenidades apenas para complementar o que já se sabia. Chegava ao cúmulo de sequer informar o resultado ou o escore, como se chamava na época o placar do jogo, com base na palavra inglesa ‘score’.

Escalação de jogadores raramente era publicada. O jornalismo esportivo nascente estava contaminado pela necessidade de se enaltecer figuras da alta sociedade que praticavam os esportes, fortalecendo assim um estilo que hoje se aproxima do texto das colunas sociais, herança dos *publicistas*.

O público crescente nos locais dos jogos fez os donos das empresas de jornal em *fase gestacional* perceberem no esporte um tema capaz de ampliar as vendas por atrair multidões. A dimensão noticiosa dos repórteres ganhou espaço em relação ao pendor literário dos publicistas. O jornalista esportivo também ampliou o alcance de suas pautas, com novas linhas de navegação no recôncavo e baixo sul baianos, instalação do telefone, telégrafo e cabo submarino. Gráficos experientes chegaram do exterior como imigrantes e deram mais qualidade ao produto final. 17



A publicação de textos sobre esportes estimulou a venda de jornais e formou um público assíduo. Neste período, a empresa de jornal ainda enfrentava um forte preconceito que associava o lucro à vergonha de mercantilizar o trabalho intelectual. 18 O analfabetismo, que chegava a 75% da população em 1920, representava ociosidade para o maquinário da empresa de jornal. 19

A crônica esportiva, enquanto gênero opinativo e capaz de oferecer ao leitor comentários sobre uma determinada competição, persistiu como herdeira de uma tradição literária que impregnava o texto jornalístico informativo com o beletrismo. 20 Esta forte influência da crônica enquanto gênero predominante no jornalismo esportivo nascente está evidenciada na denominação da entidade que congregou os primeiros repórteres especializados no setor, a Associação Bahiana de Cronistas Desportivos (ABCD),

17. Idem, ibidem, p. 29

18. Idem, ibidem, p. 31

19. Idem, ibidem, p. 31

20. Idem, ibidem, p. 32

fundada em abril de 1912. 21

O cronista desportivo é uma figura diferenciada do repórter, pois o assunto de seus textos são competições e atletas e o tom das matérias vem contaminado pela literatura. O jornalista esportivo desta época faz do jornal um bico para complementar a renda mensal de outras atividades. O baixo salário é compensado com o prestígio da letra de fôrma. 22

A despeito da importância do jogo, enquanto possibilidade de mercado para expansão de suas vendas, a técnica do discurso noticioso permanecia fiel a uma estrutura hoje considerada arcaica. Não se observa o menor esforço em buscar atender às demandas do lead clássico.

Esta estrutura somente surgiria décadas mais tarde, consolidando-se na década de 30. 23. Jornal e revista que tratam do esporte firmam o papel social de fazer a intermediação da realidade entre os jornalistas, ou seja aqueles que detém o poder de escrever e noticiar, e a sociedade, o pólo ao mesmo tempo receptor da notícia e gerador dos fatos. 24

Para as empresas de jornais, a busca da diferenciação da abordagem das notícias tem sido também a luta por conquistar mais leitores. Sair do convencional, sem extrapolar a

proposta da objetividade e se tornar excessivamente passional, sem deixar de passar para o leitor a emoção de uma competição, é o desafio que as editorias de esporte enfrentam.

Como o jornalismo esportivo impresso é um meio em que o debate ético está inserido em cada produção de texto, visto que há uma fiscalização permanente sobre privilégios ou não de clubes, atletas, dirigentes e torcedores, esta postura pela suposta isenção se tornou também um referencial de qualidade. Do jornalista esportivo é cobrada uma imparcialidade implacável, para evitar que um ou outro clube se destaque, sem que haja um critério de noticiabilidade que o sustente na manchete.

Não raro, o jornal é condenado por ser ‘tricolor’ ou ‘rubro-negro’ demais pelos torcedores-leitores influenciados pelo coração. O jornalista esportivo Armando Costa Oliveira, reconhecido como um dos profissionais de maior discernimento, larga folha de serviços prestados a alguns dos principais veículos impressos e com experiência de 46 anos no rádio

21. Jorge Vital de Lima, presidente da ABCD, em depoimento ao autor, em 10 de abril de 1999

22. BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. P. 31

23. Já se confirma a utilização da técnica do lead, na edição do *Diário de Notícias*, 21 de junho de 1934, primeiro caderno, página 12: “O Victoria conseguiu abater o S.C. Bahia pela contagem de 4x3, no embate principal, e 6x1 no secundário”.

24 GENRO, Adelmo. *O segredo da pirâmide. Para uma teoria marxista do jornalismo*. 1987: Tchê. Pág. 27.

“O esporte acessa coisas com esta paixão. É difícil porque é basicamente a esportivo, oferece uma visão de como é difícil lidar com este público.paixão. Convivo com pessoas que são extremamente bem articuladas, mas quando se trata de futebol se tornam tão passionais quanto o torcedor”

Oliveira é herdeiro de uma tradição que fazia do jornalista uma personalidade forte, dotada de sentimentos humanitários e cultura geral, hoje em extinção, em um processo que privilegia as necessidades da empresa de jornal e sua ânsia de lucros.

Independente da perda do que se pode considerar o tipo ‘grande figura humana’ 25, a formação do público esportivo avançou no ritmo da consolidação das empresas de jornal interessadas em fazer da imprensa um produto rentável. Um exemplo é a fundação da revista *Renascença*, já em 1916, editada pelos sucessores do famoso fotógrafo alemão Lindemann,



apaixonado pela linguagem visual. 26 Antecessor dos atuais projetistas gráficos que priorizam a importância da imagem, partindo da máxima de que ‘vale por mil palavras’, Lindemann publicava em ‘Renascença’ um encarte, já na década de 20, com fotos dos principais ‘players’ baianos, entre os quais o célebre Popó, megacraque do período de afirmação do futebol baiano e único jogador com nome de rua (Apolinário Santana, no bairro da Federação) em Salvador. 27 Antecessor das atuais estratégias de marketing e vendas, o encarte de ‘Renascença’ evidencia o rompimento da empresa de jornal com o pudor de evitar mercantilizar o trabalho intelectual.

Lindemann já oferecia as imagens com a marca para serem recortadas, convidando o leitor a colecionar as fotos dos craques, e com isto, ampliou as vendas de *Renascença*. Até hoje, as revistas especializadas em esporte ainda utilizam este expediente de *Renascença* para atrair mais leitores, por meio de pôsteres e fotos dos ídolos. A importância de *Renascença* rivaliza com o surgimento da *Semana Sportiva*, uma publicação inspirada em um similar lançado anteriormente no Rio de Janeiro com o nome de *Vida Sportiva*. 28

25 NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo, Contexto, 2002, pág. 33.

26 CADENA, Nelson Varon. *O futebol e a mídia*. Correio da Bahia, 28 de outubro de 2001, pág. 6 *Caderno Correio Repórter. Especial Os donos da bola*.

27 Sobre Popó, ver Popó, *o craque do Povo. A trajetória de Apolinário Santana*, livro de Aloildo Gomes Pires, produção independente, Salvador, 1999

28 CADENA, N. *O futebol e a mídia*.

Os proprietários da *Semana Sportiva*, Celestino Brito e Mário de Oliveira, investiram na contratação de alguns dos melhores talentos da época como o aquarelista Paraguassu e os fotógrafos baianos Jonas e T. Dias, que, a despeito das limitações técnicas dos anos 20, produziram peças de qualidade profissional. A *Semana Sportiva* pode ser considerada um orgulho para os jornalistas esportivos baianos, pois se tornou uma das melhores publicações do país no gênero, cobrindo futebol, xadrez, natação, atletismo, remo, boxe, tiro, turfe, tênis e já ensaiava até coberturas de automobilismo. O futebol não detinha a absoluta prioridade em detrimento de outros esportes.

Considerado fenômeno, Popó teve seus feitos celebrados e repercutidos nas páginas da *Semana Sportiva*. Capa da edição número 26, que circulou em 1926, o jogador se tornou popular depois de atuar por 10 times baianos, com destaque para o Botafogo e o Ypiranga. A publicação exercia o papel de ‘fiscal’ dos dirigentes de clubes, ao tomar partido em situações

em que o jogador tinha seus direitos agredidos. Ficou famoso o caso da suspensão de Popó por 120 dias, aplicada por seu próprio clube, o São Bento. Os dirigentes, possivelmente incomodados com a popularidade do ídolo, acataram queixa do atacante e capitão do time Nadinho, que acusou Popó de indisciplina tática em uma partida contra o Botafogo. 29

O jornalismo esportivo impresso na Bahia ganhou na década de 20 um pouco mais de força nas páginas de jornais, com a cobertura do *Diário de Notícias* aos eventos, embora ainda não se tivesse um noticiário constante com mais destaque sobre o tema. Um concurso para escolha das mais belas torcedoras abre mais mercado para o futebol e espaço nos jornais, que ainda resistem a considerar ‘esporte’ como um tema secundário e se limitam a fazer chamadas curtas para as matérias sobre os jogos.

Surgiu em 1925 a revista literária ‘A Luva’, de Severo dos Anjos, que aderiu ao esporte e ao futebol, mas procurava repercutir textos dos jornais e perdia em autonomia sem oferecer ao leitor matérias exclusivas. 30 As tecnologias voltadas para a comunicação permitiram uma façanha para os padrões da época: a transmissão da partida de futebol entre Santos e Bahiano de Tênis para a cidade de Santos.

O repórter do jornal A Tribuna, de Santos, Francisco Pinto, passava os lances por telefone para a agência da Western, em Salvador. Da Western as informações eram

29 *Idem, ibidem.*

30 *Idem, ibidem.*

passadas por cabo submarino para a agência de Santos, que as transmitia, por telefone, à redação de A Tribuna. Um datilógrafo utilizava a máquina de escrever para bater a notícia, que era entregue a um locutor. Uma multidão de 5 mil pessoas parou diante da sede do jornal santista para ouvir os lances, que demoravam cerca de minuto e meio de Salvador até Santos, na rua General Câmara. Esta pode ter sido a pioneira transmissão de uma partida de futebol a longa distância no país. 31

Em 1929, o lançamento da ‘Única’, 32 por Amado Coutinho, revela a dificuldade de manter a paixão sob controle no ambiente do jornalismo esportivo. Rubro-negro assumido, Coutinho exercitava a objetividade, aproximando o texto do discurso noticioso, ao abrir espaços idênticos para Ypiranga, Botafogo, Bahia e Galícia, outros clubes que detinham contingentes expressivos de torcedores.



Fundado em 1º de janeiro de 1931, o Bahia se firmou como o sucessor do Ypiranga na popularidade, tornando-se campeão em títulos e em vendas, pois as notícias do clube passaram a garantir público cativo. Estava aberto o caminho para o que depois viria a se chamar ‘repórter setorista’, o profissional dedicado a cobertura de um determinado clube.

A consciência da necessidade de buscar o texto informativo, como forma de ganhar a credibilidade do grande público e aumentar as vendas, pode ter inspirado Coutinho, considerado um precursor do chamado ‘tira-teima’, hoje popularizado pelo olhar eletrônico de câmeras instaladas em locais estratégicos do campo, e dos ‘melhores momentos’, o horário televisivo mais esperado pelos torcedores ávidos por acompanhar os gols e os lances mais importantes das partidas. Na década de 50, ele contratou um desenhista para ilustrar os textos em que se reportava aos jogos, oferecendo aos leitores uma visão aproximada do que aconteceu em campo.

O desenhista tinha de aguçar sua sensibilidade de forma a captar como estava posicionado cada jogador no exato instante dos lances mais importantes. Um exercício de memória fotográfica que, não raro, era contestado pelos leitores, identificados com seu clube do coração. Mesmo hoje, com todos os recursos tecnológicos que mostram como foi e como não foi cada lance, ainda pairam dúvidas entre adeptos de clubes contrários, na discussão de temas polêmicos. Esta mesma polêmica alimentava a venda de cada edição de

31 PIRES, Aloildo. Salvador, 1990, pág. 70

32 CADENA, N. O futebol e a mídia..

‘Única’ que circulava na cidade.

A regulamentação da profissão, em 1937, por meio do decreto-lei número 910, representou um avanço, no sentido de tirar do jornalismo a característica de bico ou subemprego, mas as relações trabalhistas não acompanharam a letra da lei. 33 Persiste uma política de favores, beneficiando fontes e prejudicando a qualidade do trabalho jornalístico. A publicação das notícias se transforma em moeda corrente e meio de troca para obtenção de comida, hospedagem e transporte de jornalistas. Esta tradição ainda se mantém no rádio esportivo, com o pagamento de diárias em hotéis e passagens aéreas por parte dos clubes de grande torcida, nas viagens dos times. 34



A despeito de alguns progressos, o jornal diário ainda era tido como área dominada por intelectuais que não se identificavam com a possibilidade de incorporar o esporte ao seu noticiário, mas já admitiam publicar chamadas na primeira página, embora discretas. A inferior qualidade gráfica dos jornais era outro fator que atraía os leitores para as revistas especializadas em esporte.

Como em outros enfoques na relação com o rádio esportivo, o jornal também veio a reboque desta mídia instantânea, que aderiu com mais intensidade ao futebol em meados da década de 40, com o surgimento das resenhas dos programas de rádio, embriões das que até hoje, atraem milhares de ouvintes. A Rádio Sociedade passa a concorrer com a Excelsior pela audiência. Em 1951, a Cultura também disputa sua fatia de mercado. Neste mesmo ano, a inauguração do estádio da Fonte Nova sucede o antigo Campo da Graça como principal palco do futebol baiano. Já em 1953, o Vitória investe no profissionalismo e conquista o título estadual, fortalecendo a rivalidade com o Bahia e ampliando o interesse do grande público, graças ao antagonismo entre as duas forças que formam o clássico denominado Ba-Vi.

Um novo esforço no sentido de dar ao esporte e ao futebol um tom diferenciado do noticiário corriqueiro, veio com o Esporte Jornal, fundado e dirigido por Luiz Eugênio Tarquínio, parceiro de Carlos Alberto Jesuíno e Ruy Simões. Criado em 1965, se notabilizou por noticiar o bicampeonato conquistado pelo Vitória, que sofreu uma greve por parte da grande mídia esportiva impressa, em razão do espancamento de um radialista,

33 RIBEIRO, Jorge Cláudio. Sempre Alerta. Condições e Contradições do Trabalho jornalístico. Brasiliense: São Paulo, 1984. Pág. 52

34 Armando Oliveira, em depoimento ao autor, no dia 22 de outubro de 2001.

atribuída à direção do clube. Nenhum veículo impresso, exceto o Esporte Jornal, noticiou o título do Vitória, em um fato raro no mundo, em se tratando de um grande clube, capaz de mobilizar multidões e gerar um mercado rentável. A publicação teve o mérito de formar ainda alguns dos jornalistas mais destacados das últimas décadas, como Fernando Escariz, correspondente em Salvador da revista Placar, de circulação nacional, e falecido em março deste ano. O advento do Esporte Jornal coincidiu com a década de melhor distribuição de títulos entre os clubes, como Fluminense de Feira, Leônico e Galícia, além de Bahia e Vitória.

A hesitação do veículo jornal em se estabelecer como elo entre o esporte e a sociedade, possivelmente pela influência da intelectualidade avessa ao esporte estabeleceu um



contraponto ao rádio, que mantém a seu favor o fato de ser a opção para o público analfabeto se informar. Ainda hoje há jornalistas que consideram o esporte um tema de menor importância, fácil de cobrir e exageradamente noticiado para a sua real dimensão.

A empresa de notícias se consolidava e crescia a importância do objetivo econômico, as metas a cumprir. A Tarde é o principal exemplo desta expansão do veículo com base no cálculo monetarista. O jornal deixa de ser a razão de funcionamento da empresa e se transforma em um produto, entre tantos outros. Neste contexto baseado na expansão dos negócios, a notícia passou a ser tratada como mercadoria submetida à lógica comercial. É o fim da ética rigorosa, que antes vigorava como inibidora das empresas de jornal como estruturas capazes de contabilizar lucros com a venda do trabalho intelectual.

Até os anos 50, no jornal A Tarde, as melhorias técnicas da produção de notícias não evitavam que os repórteres redigissem matérias à mão, apesar de as máquinas de escrever terem sido introduzidas 30 anos antes. O editor de esportes Genésio Ramos 35 lembra que o espaço das matérias sequer era diagramado.

*“Sujava minhas mãos de tinta e o texto descia para as oficinas
onde ia ser digitado para só então, passar para a área de
impressão”*

A lenta modernização reflete as ambições da burguesia nacional, em um processo

35. Polêmica da instalação do capitalismo no Brasil tem sido abordada por vários estudiosos, com destaque para Florestan Fernandes, em A revolução burguesa no Brasil.

que se convencionou denominar ‘capitalismo tardio’, no qual a sociedade excludente, de origem colonial, se reflete em um padrão de dominação. 36 O resultado é o fortalecimento de uma cultura de subserviência que se estabeleceu também no jornalismo esportivo. O processo de contratações, manutenção de emprego e demissões tendem a depender da vontade do dono do meio de produção, ou de seus assessores mais diretos, no caso, os editores da página de esportes, que para permanecer na função, devem ganhar a confiança dos patrões. O processo foi naturalizado de tal forma que o cargo passou a ser considerado de “confiança” por profissionais. Em momentos de greve, como as da Tribuna da Bahia, Correio da Bahia e Jornal da Bahia, em fevereiro de 1989, e do Bahia Hoje, em janeiro de 1995, o editor de

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Esportiva**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

esportes não poderia participar por ser “cargo de confiança”. No entanto, este contexto vem sendo minado por atitudes de profissionais formados pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Ufba), e que vêm mudando o panorama do mercado, nas últimas duas décadas, quando as editorias de esporte passaram a ser mais frequentadas por este perfil de jornalista. Um exemplo é a carta de princípios da editoria de esportes do Jornal da Bahia, na edição de aniversário, em 21 de setembro de 1990. 37 A análise do discurso do documento, publicado com o título ‘Quem falou que esporte é só bola na rede?’ dá prioridade às intenções da editoria, retirando do chefe da equipe a condição de líder incontestável, por ser de “confiança”. 38

Esta lógica da confiança estabelece a necessidade de apadrinhamento para construção da noção de “editoria-feudo”. A competência, que seria a qualidade para o desenvolvimento de um produto, de acordo com a lógica de mercado, dá lugar à cumplicidade, reproduzindo a parceria entre senhores de terra e vassalos da época medieval ou o capitão da indústria da segunda metade do século XIX. Nesta perspectiva, a cumplicidade seria um valor superior à competência, na lógica peculiar das empresas de jornal da Bahia. Em 13 de março de 1994, o *Bahia Hoje* contratou um advogado para dirigir o jornal. Já o *A Tarde* preferiu suceder o jornalista Jorge Calmon com um educador, em 1995. O que falta em experiência aos profissionais de áreas diferenciadas ao jornalismo,

36 “Quem falou que esporte é só bola na rede? *O novo Jornal da Bahia se propôs a dar ao esporte um tratamento moderno e adequado à nova realidade social do país. Com isso, não se deu ao luxo de privilegiar segmentos sem expressão nem de omitir associações dignas de registro. Sua meta é simples: tratar do tema esportivo com espírito crítico e senso de justiça para dosar bem o espaço e aprofundidade de cada abordagem...*

37 RIBEIRO, J.C. *Sempre Alerta*, p. 45

38 *Idem*, p. 67

sobraria em afinidade e confiança com as direções dos veículos. No *Correio da Bahia*, não basta ser competente no jornalismo, mas seria preciso também ganhar a confiança dos donos. O diretor de redação se submete ao administrativo, mesmo que esta hierarquia às avessas, na lógica do mercado, represente prejuízos para a empresa de jornal. Apesar de um contexto em que o poder dentro das editorias de esportes é exercido de acordo com o estabelecimento de uma cumplicidade entre chefes e proprietários, com base em critérios não-profissionais, a crescente melhor preparação ética e técnica do profissional vem sinalizando para uma



necessidade de mudança, com o fortalecimento da qualidade do noticiário esportivo e a consequente valorização da informação como produto a ser distribuído para o público consumidor, dentro da lógica comercial do lucro.

BIBLIOGRAFIA

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica – Tomo 1 – História da imprensa brasileira*. São Paulo, Ática, 1990.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

GENRO, Adelmo. *O segredo da pirâmide. Para uma teoria marxista do jornalismo*. 1987: Tchê.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo, Contexto, 2002.

PIRES, Aloildo Gomes. *Popó, o craque do Povo. A trajetória de Apolinário Santana*. Salvador, 1999.

PROTÁSIO, Fernando. *Um menino de 84 anos*. Salvador: 1983

RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Sempre Alerta. Condições e Contradições do Trabalho jornalístico*. Brasiliense: São Paulo, 1984.

SANTOS, Joel Rufino. *História Política do Futebol Brasileiro*. Brasiliense: São Paulo, 1981.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo, Martins Fontes, 1983.